





Educação do Campo e vínculos territoriais: uma análise dos Trabalhos de Conclusão de Curso de professores em formação inicial

 Bruno Francisco Melo Pereira¹,  Francisco Ângelo Coutinho²,  Luiz Gustavo Melo Franco³,  Penha Souza Silva⁴

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG). Campus Betim. Rua Itaguaçu, 595, B. São Caetano, Betim, Brasil. ² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). ³ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

⁴ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Autor para correspondência/Author for correspondence: bruno.pereira@ifmg.edu.br

RESUMO. No presente estudo, analisamos a formação de professores do campo à luz dos vínculos com seus territórios de origem. Para isso, utilizamos como fonte de informações os Trabalhos de Conclusão de Curso de licenciandos em Educação do Campo da habilitação das Ciências da Vida e da Natureza produzidos ao longo dos últimos 20 anos. Com uma metodologia qualiquantitativa, analisamos estes trabalhos à luz de temáticas do campo de pesquisa da Educação do Campo, buscando verificar sua relevância e atualidade. Lançando mão do referencial teórico-metodológico da Teoria Ator-rede, buscamos compreender se os territórios são levados em consideração na definição dos temas de trabalho. Nossos resultados apontam que os trabalhos de pesquisa realizados pelos licenciandos em formação têm pertinência e atualidade em relação ao campo de pesquisa da Educação do Campo. Da categorização realizada, constatamos que aparecem em maior quantidade os temas socioambientais, que indiciam um amálgama entre cultura e natureza nos trabalhos analisados.

Palavras-chave: educação do campo, trabalho de conclusão de curso, zona crítica, teoria ator-rede, território.

Rural Education and Territorial Links: An Analysis of the Final Course Works of Initial Teacher Training

ABSTRACT. In this study, we analyze the training of rural teachers in light of their ties to their home territories. To this end, we used the Final Course Papers of undergraduate Rural Education students in the Life and Natural Sciences program as a source of information. Using a qualitative and quantitative methodology, we analyzed these papers in light of themes within the Rural Education research field, seeking to determine their relevance and current status. Using the theoretical and methodological framework of Actor-Network Theory, we sought to understand whether territories are taken into account when defining research topics. Our results indicate that the research papers conducted by undergraduate students are relevant and current in relation to the Rural Education research field. From the categorization performed, we found that socio-environmental themes appear more frequently, indicating an amalgamation of culture and nature in the analyzed papers.

Keywords: rural education, capstone project, critical zone, actor-network theory, territory.

Educación rural y vínculos territoriales: un análisis de los trabajos finales de formación inicial docente

RESUMEN. En este estudio, analizamos la formación de docentes rurales a la luz de sus vínculos con sus territorios de origen. Para ello, utilizamos como fuente de información los Trabajos Finales de Curso de estudiantes de pregrado en Educación Rural del programa de Ciencias de la Vida y Naturales. Utilizando una metodología cualitativa y cuantitativa, analizamos estos trabajos a la luz de temas dentro del campo de investigación de la Educación Rural, buscando determinar su relevancia y estado actual. Utilizando el marco teórico y metodológico de la Teoría de Actor-Red, buscamos comprender si los territorios se tienen en cuenta al definir los temas de investigación. Nuestros resultados indican que los trabajos de investigación realizados por estudiantes de pregrado son relevantes y actuales en relación con el campo de investigación de la Educación Rural. A partir de la categorización realizada, encontramos que los temas socioambientales aparecen con mayor frecuencia, lo que indica una amalgama de cultura y naturaleza en los trabajos analizados.

Palabras clave: educación rural, trabajo final de curso, zona crítica, teoría actor-red, territorio.

Introdução

Neste artigo buscamos rastrear um coletivo de pessoas que se articula em torno da habilitação das Ciências da Vida e da Natureza (CVN) da Licenciatura da Educação do Campo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Analisamos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) desse coletivo identificando neles indícios de vínculos dos licenciados e licenciadas formados no curso com seus territórios de origem. Este artigo busca responder como os territórios campestres agem na definição das pesquisas desenvolvidas pelos estudantes nos trabalhos de conclusão de curso.

Vínculos com as universidades vão além da formação das juventudes campestres, pois a academia se alia ao esforço em persistir com os modos de vida daqueles que constroem suas existências com os campos, as águas e as florestas (Coutinho *et al.*, 2025). Os(as) licenciandos(as) que acompanhamos são oriundos de várias comunidades rurais do estado de Minas Gerais. Ao ingressarem no curso, devem ter seus vínculos à terra comprovados por documentos entregues no momento da matrícula. Nossos interesses surgem a partir das discussões realizadas em nosso grupo de pesquisa acerca da proposta de realizarmos uma Educação em Humanidades Científicas (Latour, 2020b; Coutinho, Pereira & Gonçalves, 2025) que entende que as fronteiras ontológicas que separam as humanidades e as ciências são transpostas.

Este é um trabalho qualiquantitativo. A construção metodológica da pesquisa envolveu o levantamento dos TCC's nos arquivos do Centro de Documentação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (CEDOC/FAE/UFMG), complementado com os trabalhos dos formandos de 2021. A seguir construímos os dados sob a perspectiva da Teoria Ator-Rede (ANT, no original em inglês) que pressupõe que aqueles que estão agindo nas situações de pesquisa são sempre citados pelos informantes. Eles justificam sua importância nos relatos e sua presença é sempre acompanhada por uma “teoria explícita da ação” (Latour, 2012, p. 84).

Assim o objetivo deste trabalho é identificar e analisar a presença de topônimos nos TCC's da LECampo/UFMG nestes vinte anos de implantação do curso, bem como os principais temas de pesquisa a partir das palavras-chave, buscando dar resposta à questão de pesquisa. De forma secundária, pretendemos dar visibilidade à produção acadêmica dos licenciados, analisando a relevância acadêmica destas publicações na contemporaneidade, sob a luz dos temas de pesquisa do campo da Educação do Campo.

Compreendemos que a pertinência deste trabalho para as pesquisas em Educação do Campo reside no fato de que muitos destes TCC's não se tornam artigos científicos ou são publicizados para além de suas bancas de avaliação. Nomeá-los e avaliar sua pertinência perante as pesquisas desenvolvidas no campo atualmente não somente abre novas fontes de informação, mas amplia o debate sobre a produção de conhecimento no nível da graduação, mais especificamente na licenciatura.

Este artigo se estrutura a partir da definição do espaço-tempo campesino, uma discussão sobre a importância de recorrermos aos saberes construídos nas relações das populações com os territórios e uma breve história da Educação do Campo em nosso país e na Universidade Federal de Minas Gerais. A partir daí, trazemos a construção metodológica do trabalho de investigação, os dados de pesquisa que construímos, a análise destes dados à luz dos referenciais da Educação do Campo e as considerações finais. Para facilitar o acesso às fontes de informação incluímos aqui links para documentos digitais em que indicamos as autorias dos TCC's, seus títulos, palavras chave e ano de submissão. Em outro link divulgamos um mapa interativo no qual apontamos os territórios vinculados aos títulos dos trabalhos.

Os saberes e territórios dos povos do campo, das florestas e das águas.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estabelece uma distinção entre as atividades realizadas em cada parte do território brasileiro, distinguindo-os pelo tipo de ocupação. Os lugares onde residem as licenciandas da Educação do Campo são classificadas por este órgão como Regiões Rurais. Em um relatório técnico (IBGE, 2015), o instituto classifica as regiões não pela sua urbanização ou em oposição ao conceito de cidade, mas em uma perspectiva do fluxo de produtos e serviços por meio do mesmo, lançando mão do conceito de “território-rede”. Apesar de ser um conceito menos dicotômico que a simples contraposição urbano-rural, esta forma de classificar ainda se baseia na separação e subjugação do rural pelo urbano. Como apontado no documento:

No que se refere ao território-rede, o critério definidor é o grau de centralidade, isto é, de comando que as cidades e suas funções exercem sobre o campo no Brasil, sendo fundamental mensurar os diversos fluxos e redes intra e inter-regionais construídos pelos segmentos que compõem o agro contemporâneo. Neste contexto pretende-se traçar a geografia das redes estruturadas, em grande parte, a partir da ação de *grandes corporações* que formam um conjunto de localizações interconectadas entre si, seja no campo e/ou nas cidades. (IBGE, 2015, p. 7 – *italico nosso*).

O documento foi construído sob uma perspectiva que, em certa medida, menospreza as ações daqueles que subsistem comⁱ os territórios, centralizando a pesquisa nas corporações do capital moderno. É uma forma de compreender e definir que mantém a subserviência do campo em relação à cidade e está sendo utilizada para o planejamento de políticas públicas de financiamento. Esta análise se faz de fora para dentro do território ocupado, observando não as suas relações internas, mas aquilo que nele entra e dele sai.

Longe de tentar definir o termo, propomos aqui que a descrição de uma “zona rural” seja realizada pelas relações que se estabelecem de dentro para fora deste local e não o contrário. O mapa é estabelecido não pela “imagem aérea”, mas percorrendo as distâncias e pagando o preço do tempo de vida necessário para ali estar e do suor para agir naquele espaço. São aqueles que coabitam este espaço com os demais viventes e não viventes que têm a medida e a régua para sua definição. Como Latour (2020a) indica

precisamos antes de mais nada aceitar definir os terrenos de vida como aquilo de que um terrestre depende para sobreviver, perguntando-se quais são os outros terrestres que se encontram sob a mesma dependência. É pouco provável que esse território coincida com uma unidade espacial clássica, jurídica, administrativa ou geográfica. Muito pelo contrário, suas configurações vão atravessar todas as escalas de espaço e de tempo (p. 114).

Aos povos do campo são solicitadas comprovações de seus vínculos com os territórios para o ingresso na universidade. Tais comprovantes são feitos por instituições como sindicatos de trabalhadores rurais, organizações sociais e cadastros familiares junto a órgãos como o INCRA ou à posse de terras. Em um primeiro momento, estes documentos se prestaram ao processo decisório de para quem iríamos destinar a vaga no curso. Atualmente, solicita-se também uma carta de apresentação e de intenções, onde os discentes em processo de seleção relatam um pouco dos mundos em que vivem com os demais seres. Entendemos que os territórios definem as práticas ao mesmo tempo que as práticas moldam os territórios. Neste processo, saberes são instaurados e devem ser respeitados pelas instituições onde os discentes se formarão docentes. Vamos refletir um pouco sobre estes territórios e saberes.

Toledo e Barrera-Bassols (2015) apontam algumas características que podem ser utilizadas para definir os povos que se relacionam diretamente com o território – seus apontamentos se prestam tanto aos camponeses quanto aos povos indígenas. A partir de suas práticas e da relação que estabelecem com os espaços ocupados, estes povos realizam uma produção em pequena escala, voltada principalmente para o autossustento do núcleo familiar

mais próximo, em minifúndios. Estes sistemas agrícolas tradicionais, que envolvem tanto a agricultura indígena como sistemas agrícolas de alta complexidade “alimenta entre 30 e 35% da população mundial” (idem, p. 67) e são realizados por cerca de 20% da população. Ou seja, essa forma de produzir é capaz de se autossustentar e ainda fornecer alimentos variados para o restante da população. Por fim, os cultivares campestinos mantêm e promovem duas características ambientais relevantes, “a heterogeneidade espacial e a diversidade biológica” (idem, p. 75).

Estas formas de se relacionar com a realidade criam conhecimentos e saberes diversos daqueles que a ciência moderna constituiu. Esta racionalidade, diversa daquela estabelecida pela academia, limitaria o alcance das soluções que estes povos criam para seus problemas, classificando-os como curiosidades ou um racionalismo científico incipiente. Defendemos que ao contrário desta perspectiva moderna todas as soluções são locais: cremos ser importante contrapor essa pretensa universalidade da Ciência e buscar reconhecer as soluções que permitem aos viventes perdurar um pouco mais, coletivamente.

Tsing (2015) nos aponta que nas relações com os territórios sempre foi comum a existência de “paisagens multiespécies” e que as relações de domesticação que trouxeram à prevalência das monoculturas é um processo recente na história humana. Os conhecimentos tradicionais estão sempre em permanente conexão com a práxis, necessária para garantir a satisfação das necessidades materiais dos indivíduos e com as crenças “que conduzem à satisfação espiritual e, portanto, ordena a prática” (Toledo & Barrera-Bassols, 2015, p.126). É dessa continuidade entre o natural e o social, sem rupturas, que se constituem os saberes dos povos campestinos e que buscamos identificar nos TCC’s.

Bruno Latour (2020a) aponta para a necessidade de nos tornarmos “terrestres”, numa perspectiva de compreendermos os necessários engendramentos para nossa existência. As leituras iniciais que temos realizado indicam que o termo aterrar é um conceito relacionado ao nosso comportamento com os demais viventes e não viventes que constituem esta Zona Crítica (Latour & Weibel, 2020) que habitamos. Surgido do campo de pesquisa do Sistema Terra, ao longo deste início de século, a Zona Crítica (ZC) corresponde à camada onde a Vida se desenvolveu em nosso planeta. Estreita, ela corresponde a pouco mais do que uma dezena de quilômetros, entre a rocha em que se assentam continentes e oceanos e a primeira camada da atmosfera. Temos realizado pesquisas acerca da necessidade levar em conta este espaço na Educação em Ciências (Coutinho, Pereira & Gonçalves, 2025, 2025; Pereira *et al.*, 2025) em suas interfaces com a Educação do Campo.

Cabe questionar se os saberes construídos pelos estudantes ao longo do curso se assentam nos seus próprios territórios, nas relações construídas com os demais viventes, ou se são cooptados pelos processos universalizantes da academia. Como aponta Latour (2020b), “precisamos nos infiltrar, nos envolver em um grande número de voltas, para que, gradualmente, fio por fio, o conhecimento do local onde moramos e os requisitos de nossa condição” (p. 132) permitam estabelecer vínculos com os demais viventes e a manutenção da vida.

A vinculação ao solo está dada em uma perspectiva diferente da tradicional, pois não envolve exclusivamente a propriedade dos terrenos, mas sim o pertencimento a ele. Na mesma obra, Latour aponta que herdamos modos de existência que criam diversas maneiras de nos relacionarmos com os viventes. Não estamos presos às maneiras de agir em conjunção com o solo onde crescemos, podemos buscar e aplicar os modos de existência de outros povos, que até então eram ignorados nas suas práticas naturais. Nas palavras do autor:

O solo permite se vincular; o mundo, se desprender. A vinculação é o que permite sair da ilusão de um Grande Exterior; o desprendimento, o que possibilita abandonar a ilusão das fronteiras. ... É nesse sentido muito prático que o Terrestre reorganiza a política. Cada um dos seres que participam da composição de um terreno de vida tem sua própria maneira de identificar o que é local e o que é global e de definir seu entrelaçamento com os outros (Latour, 2020b, pp. 112 e 113).

Rastrear as ações dos povos do campo tem permitido compreender as relações que estabelecem com os demais viventes e não-viventes na co-construção do território (Coutinho, Pereira & Gonçalves, 2025; Coutinho *et al.*, 2025; Fonseca & Oliveira, 2025). Para além de pertencer a um determinado território, aqueles que constroem suas vidas nestas relações percebem-se como parte da intrincada estrutura que une humanos e não-humanos no processo de construir mundos. Esta questão pode ser observada de forma ativa na formação da licenciatura do campo e ser parte do trabalho dos docentes que atuam junto a estes licenciandos, a fim de garantir que sejam mantidas as maneiras de agir que têm permitido a coexistência entre os seres que possibilitam os territórios.

A Licenciatura em Educação do Campo no Brasil

Novas formas de estruturação política levaram os movimentos de luta pela Terra a se articularem de maneira a garantir um direito universal: o acesso à educação de qualidade. Educação que garanta a continuidade de seus modos de existir e respeite os espaçotempos

intimamente vinculados aos ciclos envolvidos na prática agrícola. É desse movimento político que emergem as Licenciaturas em Educação do Campo

Nenhum governo pode ser acusado de atuar livremente para estimular o povo quanto ao usufruto de seus direitos e à busca pela construção de uma sociedade mais igualitária. Partindo desta lógica, a Educação do Campo realizada em articulação com as necessidades dos territórios é uma conquista coletiva de movimentos sociais. A Educação do Campo surge em nosso país numa perspectiva libertadora e se insere nos tempos e espaços dos acampamentos de luta pela reforma agrária, nas décadas de 80 e 90 do século passado. Essa articulação entre propostas de luta pela conquista da terra e a necessidade de educar os filhos dos trabalhadores levou os movimentos a terem como referência em todos os acampamentos Escolas do Campo – em contraposição às escolas rurais, instituídas durante o governo militar. Fernandes e Molina (2004) apontam que a oposição entre estas formas educativas é de cunho epistemológico, uma vez que a educação rural é constituída *para* os moradores das áreas de produção agrícola, enquanto a Educação do Campo é constituída pelos moradores desta região. A percepção de que aquele espaço é lugar de *existência*, para além de espaço de produção, contraria uma visão assistencialista dos empresários proprietários dos latifúndios, que buscam o “controle político sobre a terra e as pessoas que nela vivem” (Freitas, 2017, p. 25).

Da necessidade de organizar os acampamentos também para a educação dos filhos dos trabalhadores, alguns militantes dos movimentos iniciaram uma atuação como docentes. Formando-se na própria prática e percebendo as necessidades específicas de atender aos ciclos naturais relacionados às plantas e espécies cultivados e criados, estas escolas instituem os chamados tempos alternados de aprendizado. Esta Pedagogia da Alternância (Teixeira, Bernartt & Trindade, 2008) vai ser implementada oficialmente pela primeira vez em nosso país em três Escolas Famílias Agrícolas no Espírito Santo, no ano de 1969. Fernandes e Molina (2004) apontam como marco inicial da nacionalização da proposta os Encontros Nacionais de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), ocorridos a partir de 1997. Em 1999 temos a criação do Programa Nacional da Educação na Reforma Agrária (PRONERA), objetivando o fortalecimento de uma Educação do Campo feita pelos povos do campo.

Mimetizando o que é uma necessidade dos assentamentos e acampamentos, desde seu início, as Licenciaturas da Educação do Campo alternam momentos de aprendizado nos centros universitários (Tempo Escola) com momentos nos coletivos de origem (Tempo

Comunidade). Isso evita que os jovens tenham que deixar de viver no campo enquanto permite que os docentes atuem nos cursos, sem ter que se mudar para lá. A proposta transdisciplinar destes cursos se alinha com o que temos defendido como a proposta latouriana das Humanidades Científicas (Latour, 2020b; Coutinho *et. al*, 2022). Essa proposta leva em consideração que as ciências diversas não podem ser entendidas de forma desarticulada dos demais modos de existir contemporâneos. Para além de “perceber as influências” que a ciência pode sofrer, compreendemos que ela se instaura em cocriação com os demais aspectos sociais, políticos e até mesmo religiosos. Também se articula com os demais seres, viventes e não-viventes, que constituem o mundo em que vivemos.

Tal proposta encontra eco em trabalhos da Educação do Campo, ao apontar relações diversas das modernas nos processos de construção da vida dos camponeses em associação com os demais seres. Apontamos que

a educação do campo ... rompe com a concepção de natureza de uma maneira, visto, pelo menos no mundo ocidental, como recurso, como algo a ser dominado, por alguém que não faz parte desse mundo, ou seja, o homem, entendido como não-natureza. (Miranda & Robaina, 2017, p. 807)

Por isso nossa construção metodológica se volta para a busca pelas relações estabelecidas pelos(as) formandos(as) ao longo das duas décadas do curso, rastreando os indícios de pertencimento ao território nos seus trabalhos de conclusão de curso. É isso que indicamos na próxima seção.

Metodologia da pesquisa

Levantamento de informações

Como indicamos, acompanhamos um curso de Educação do Campo de uma universidade federal do Sudeste do Brasil que recebe licenciandos de regiões rurais do estado de Minas Gerais. Licenciandos devem produzir um trabalho final (TCC) como um dos requisitos para finalização do curso. Nos primeiros anos de existência do curso, os TCC eram entregues encadernados para arquivamento nas pastas dos licenciandos, compondo um documento obrigatório para a conclusão do curso. Este material físico está arquivado no CEDOC/FAE/UFMG.

A LECampo/UFMG tem o apoio do Programa de Monitoria da Graduação, que fornece bolsas para pós-graduandos atuarem como monitores dos(as) licenciandos(as), de maneira a facilitar a permanência e aprovação destes discentes (Giavara, Pereira & Fonseca,

2024). O primeiro autor deste artigo atuou como monitor bolsista e, em parceria com os demais monitores, catalogamos as 46 caixas de documentos produzidos nestes 20 anos de funcionamento da LECampo/UFMG. Em paralelo a esse processo, entramos em contato com egressos que haviam terminado o curso em anos anteriores. Foi solicitado o compartilhamento do trabalho corrigido após a defesa do TCC e um termo de consentimento para que este material fosse disponibilizado junto ao repositório de teses e dissertação da universidade.

Após o recebimento destes TCC, que complementam aqueles que estão disponíveis fisicamente no centro de documentação, os monitores elaboraram coletivamente uma tabela que continha: o *Título da Monografia*, seguida das *palavras-chave* e do *nome do aluno* que cursou a habilitação e a indicação da *turma*, do *nome do orientador/a* e por fim o *ano de conclusão*. A tabela relaciona os trabalhos de conclusão de todas as habilitações, mas nesta análise nós filtramos a tabela original e nos detemos naqueles construídos pelos formandos da habilitação de Ciências da Vida e da Natureza. Levamos em conta o Projeto Político Pedagógico do curso em vigor no ano de ingresso para organizar esse filtro. Essa definição é importante, uma vez que o curso foi iniciado como um projeto experimental em parceria com os movimentos sociais e se tornou uma licenciatura plenamente reconhecida.

A tabela com as informações que analisamos para a construção de dados neste trabalho está no anexo ao final deste artigo. Também a disponibilizamos [neste link](#)ⁱⁱ, em forma digital, para facilitar o acesso e divulgação da mesma entre a comunidade de pesquisa do campo.

Construção e análise de dados

A partir da tabela, buscamos dados para dar respostas à questão proposta neste artigo: de que maneira os territórios camponeses agem na definição dos trabalhos de conclusão de curso dos estudantes? Contabilizamos as palavras-chave nos trabalhos e verificamos as indicações, em seus títulos, de cidades, distritos ou comunidades onde tais trabalhos de pesquisa foram desenvolvidos. Alguns trabalhos não possuíam a indicação das palavras-chave. Quando este foi o caso, fizemos a leitura do resumo e do capítulo introdutório do trabalho, e indicamos palavras-chave pertinentes a cada monografia.

Buscando identificar a relevância da produção do curso nestes 20 anos, construímos uma classificação das sessenta e cinco monografias analisadas, lançando mão dos eixos Temáticos propostos pela comissão científica do I Encontro Internacional de Educação do

Campoⁱⁱⁱ, realizado na Universidade Estadual da Bahia – campus Guanambi, em 2025. Esta escolha se baseia na qualidade da produção científica dos membros do comitê científico e na verificação de que o evento mobilizou pesquisadores de todo o Brasil e de países da América Latina. Inferimos, a partir de tais fatos, que existe um amplo espectro de pesquisas e pesquisadores representados na seleção destes eixos.

Pela contemporaneidade do evento, cremos que os eixos temáticos refletem aquilo que de mais atual tem sido discutido no campo das pesquisas em Educação do Campo. Ao lançar mão destas categorias, entendemos ser possível identificar a pertinência dos trabalhos produzidos pelos licenciandos para as diversas áreas de pesquisa e talvez indicar aspectos que estão sendo negligenciados pela comunidade acadêmica. Os Eixos Temáticos do evento são:

1. Infâncias e Educação Infantil do/no campo.
2. O currículo e a Educação do/no campo.
3. Educação Popular, Juventudes e Educação de Jovens e Adultos do/no campo.
4. Organização do Trabalho Pedagógico em escolas do campo.
5. Políticas públicas e legislação para as escolas do campo.
6. Diversidade e Educação do Campo.
7. Movimentos sociais, Povos Tradicionais, Educação em espaços não escolares e Educação do/no campo.
8. Agroecologia, Educação Ambiental e Soberania Alimentar.
9. Tecnologias educacionais do/no campo.

Para o agrupamento e a análise dos trabalhos realizados, levamos em consideração seus títulos e as respectivas palavras-chave. Realizamos também o levantamento longitudinal das defesas e indícios de territorialidade nos títulos e nas palavras-chave, buscando responder à questão de pesquisa.

Consideramos as palavras chave e os títulos dos trabalhos como partes fundamentais dos relatos produzidos por estas estudantes ao longo de suas formações na LECampo/UFGM. Esses relatos indicam aqueles que importam para a existência, tanto dos camponeses, quanto de seus territórios e modos de existir na contemporaneidade. Sob a perspectiva da ANT, uma das formas de mapear as questões de interesse daqueles que estamos pesquisando é lançar mão de uma *infralinguagem* (Latour, 2012, p. 79) que abandona as tentativas de explicar os relatos dos informantes, concentrando-se nos actantes relatados por eles.

Como exemplo da categorização, analisamos um dos trabalhos, que tem por título “A HORTA COMUNITÁRIA DE ICARAÍ DE MINAS/MG: um estudo sobre algumas

dimensões da cadeia produtiva de verduras e legumes pela agricultura familiar”. Entre as categorias apontadas na página anterior, entendemos que o trabalho se relaciona com a temática 8, por se relacionar ao actante “horta comunitária”, forma coletiva de produção que dialoga com o tema da soberania alimentar.

Como qualquer processo de análise deste tipo, alguns dos trabalhos poderiam ser categorizados em mais de uma temática ou mesmo outras escolhas são possíveis. O mesmo trabalho poderia ser indicado na temática 9, caso ele indicasse o uso da horta comunitária para processos educacionais. Para decidir nessas situações, optamos por verificar as palavras chave. Neste caso, as palavras-chave indicadas são “Horta Comunitária; Agricultura familiar e Campo-cidade”. Como foi impossível realizar a leitura de todo o trabalho, levamos em consideração a terceira palavra-chave – única que não está no título – que nos remeteu à produção da agricultura familiar para suprir a necessidade alimentar das cidades. Por isso tomamos a decisão de categorizar na temática 8.

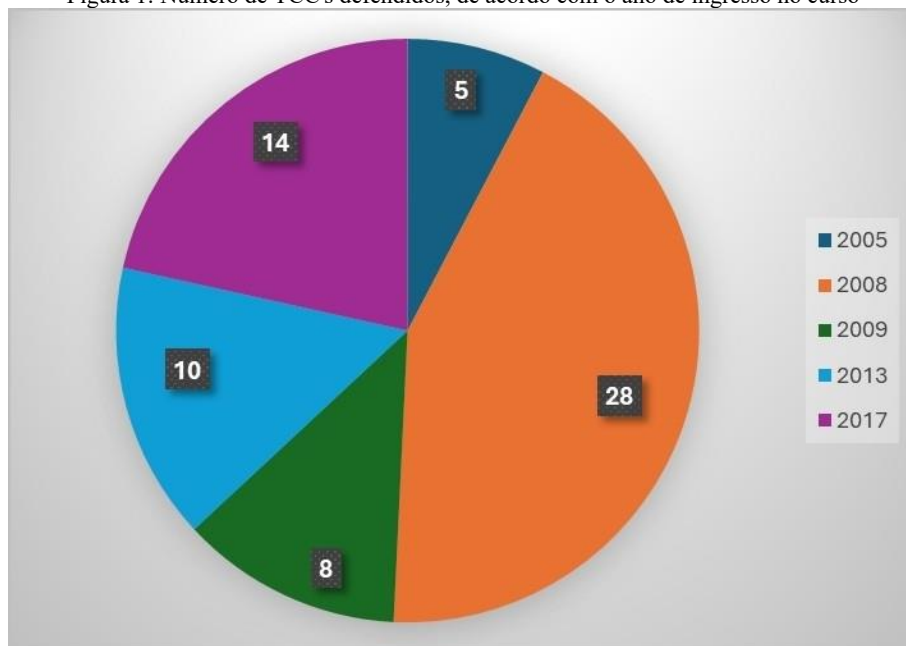
A seguir, apontamos os dados que construímos a partir das informações e processos relatados nesta metodologia. Começamos com um panorama geral das temáticas e dos territórios, para a seguir analisar os vínculos que transparecem entre estes territórios e os discentes.

Resultados

Um panorama das temáticas e territórios

Levantamos um total de 65 (sessenta e cinco) trabalhos de conclusão de curso, ao longo dos seguintes anos de ingresso: 2005, 2008, 2009, 2013 e 2017. O diagrama abaixo aponta o número de defesas em função do ano específico (Figura 1).

Figura 1: Número de TCC's defendidos, de acordo com o ano de ingresso no curso



Fonte: Dados da pesquisa

Percebemos que houve um grande número de trabalhos defendidos pelos ingressantes da turma de 2008. A explicação para isso é que na implantação do curso a partir do PRONERA os licenciandos atuavam em todos os níveis da Educação Básica, desde o Ensino Fundamental I até o Ensino Médio. Assim, os ingressantes em 2005 e 2008 realizavam um percurso formativo comum e somente no final do segundo ano decidiam pela habilitação, seja a de Ciências da Vida e da Natureza (CVN), objeto deste trabalho, ou a de Língua, Artes e Literatura (LAL). Por isso, o número de defesas foi grande para esta turma.

Com a criação das habilitações em Matemática (MAT) e em Ciências Sociais e Humanas (CSH), em 2009, e a transformação do curso experimental em uma licenciatura plena, ofertada pela universidade de forma contínua, o perfil dos ingressantes se alterou. Não era necessária a comprovação de vínculo com o território e assim tivemos uma ampliação de ingressantes que residiam na região metropolitana. Após poucos encontros, a habilitação nas CVN acabou se esvaziando naquele ano. Isso levou à retomada das articulações com as entidades e organizações sociais campesinas e a necessidade de comprovação de vínculo com os territórios foi retomada, nos anos seguintes.

Os processos de acesso e permanência dos estudantes campesinos à universidade são dinâmicos e carecem de constante articulação com os territórios, tanto para divulgação quanto para reconhecimento dos formandos junto às escolas e instituições da educação formal, seja em nível estadual, municipal e federal. As defesas de TCC podem ser uma barreira ao término

da formação destes estudantes e carecemos de mais estudos para compreender as formas pelas quais é possível garantir uma maior efetividade na formação. Os autores observamos, mesmo que de forma empírica, que o vínculo territorial fortalecido e o sentimento de pertencimento às comunidades campesinas são fatores que levam a trabalhos de pesquisa localizados e potentes e à diplomação dos licenciandos.

Retomando as categorias discutidas na construção metodológica, agrupamos os trabalhos de conclusão de curso por temáticas a partir de seus títulos, considerando para essa classificação os actantes indicados nos títulos dos trabalhos dos estudantes, como apontamos na metodologia. Para representar quantitativamente o número de defesas em cada tema, construímos o diagrama em árvore a seguir (Figura 2).

Percebemos que os eixos relacionados às questões socioambientais dominam as discussões realizadas pelos formandos, pois as categorias de Agroecologia e Soberania Alimentar, associada com a de Movimentos Sociais e Povos Tradicionais detêm 40% de todos os trabalhos defendidos. As discussões relacionadas ao funcionamento das escolas campesinas, agrupados nas categorias Organização do Trabalho Pedagógico, Currículo e Educação do Campo e Educação Popular e EJA, juntos, têm cerca de 37% das publicações realizadas ao longo destes anos.

Figura 2: Diagrama em árvore da quantidade de trabalhos em cada categoria

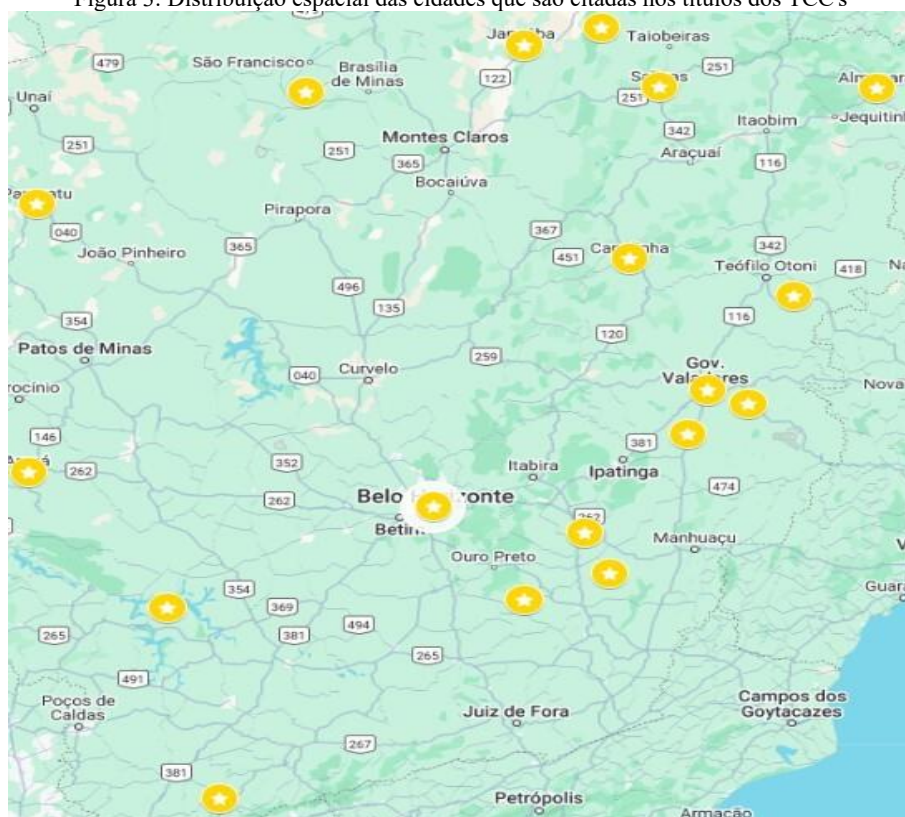


Fonte: Dados da pesquisa

As discussões acerca da Infância e da Educação Infantil é a menos representada, com somente 3 trabalhos que discutem estes temas. Inferimos dessa situação que o acesso à esta fase da Educação Básica ainda carece de ser implementado junto às comunidades rurais, desafio que deve ser enfrentado com coragem, diante do quadro de nucleação que a Educação do campo tem enfrentado (Rodrigues *et al.*, 2017). O fechamento de escolas campesinas e a ampliação do transporte escolar acarretam que os infantes sejam transportados, algumas vezes por horas, entre as comunidades e as escolas nucleadas. O sofrimento dos estudantes pelo tempo gasto no transporte e seu desterro da comunidade são indicados nas pesquisas.

Como defendemos que a educação em ciências deve ser localizada, realizamos a contagem dos municípios que são citados nos títulos dos trabalhos. Do total de 65 TCC's, temos 17 municípios nominalmente citados. Além destes, comunidades e distritos, nomes de rios e córregos cujas localizações provavelmente estão descritas com minúcias nos trabalhos também são informados em títulos e resumos. Contudo, devido às opções metodológicas para a construção dos dados deste artigo, não conseguimos precisar estes topônimos e lançamos mão somente dos municípios para a construção do mapa apresentado a seguir.

Figura 3: Distribuição espacial das cidades que são citadas nos títulos dos TCC's



Fonte: Dados da pesquisa tratados no aplicativo Google Earth

Vale ressaltar que a identidade campesina e as questões epistemológicas do campo de pesquisa não são características estáveis, mas construções que se estabelecem ao longo do tempo. A “obrigação” de realizar uma pesquisa voltada para o ensino de ciências foi sendo reduzida, conforme professores docentes do curso e orientadores dos TCC’s foram articulando as necessidades formativas dos licenciandos e compreendendo suas demandas ao longo do tempo.

A recorrência de topônimos nos títulos dos trabalhos é grande e vincula tais produções diretamente às realidades construídas pelos estudantes e suas comunidades aos locais de onde vieram. O vínculo acontece seja a partir dos viventes, como as plantas ou os animais, seja a partir dos não-viventes, como os rios e suas nascentes ou daquilo que eles produzem, como o polvilho e a rapadura e o lixo. Os trabalhos narram as relações estabelecidas nas comunidades e citando Latour (2020c, p. 206) “quanto mais seu conhecimento está localizado, mais sólido ele é”. Identificar o registro dos topônimos nos títulos indica algo além do contexto de pesquisa, pois indicia os aspectos da realidade destes territórios agindo na decisão do trabalho a ser realizado (Coutinho *et al.*, 2025).

Diálogos ao campo de pesquisa da Educação do Campo

Em diálogo com outros estudos que investigam a Educação em Ciências na interface com a Educação do Campo, percebemos que a presença da realidade campesina nos TCC’s amplia as oportunidades de conhecer o fazer destes futuros docentes nas escolas onde atuarão. Souza e Antunes-Rocha (2025) analisam a produção de teses entre 2017 e 2020 no banco de teses da CAPES, buscando construir significados para o termo contextualização/contexto nas pesquisas da Educação em Ciências voltadas para a Educação do Campo. Após uma busca inicial de 30 dissertações e teses, restringiram o escopo para onze delas. No trabalho, perceberam que

O Campo é pouco abordado, por vezes subentendido pelos autores. Em sua maioria ... aspectos do Campo são apresentados a partir do resultado das mediações realizadas ou investigadas/nas cujo principal interesse foi a defesa de determinadas práticas ou perspectivas teórico-metodológicas, numa perspectiva mais instrumental. (idem, 2025, p. 13).

As análises dos TCC’s implicam mundos que agem sobre as comunidades e licenciandos em formação, que impactam suas pesquisas e modos de agir *no* e *com* estes mundos. Aos pesquisadores da Educação do Campo, compete reconhecer que o “campo” não

é um contexto, mas um coletivo dos seres que retomaram a “agentividade” neste Novo Regime Climático (Latour, 2020a, p. 95). Assumir que existimos em uma Zona Crítica implica abrir mão das certezas absolutas da Ciência “moderna” para uma posição de respeito àquilo que é apresentado por quem está em formação nas Licenciaturas em Educação do Campo.

Retomamos o que Fernandes e Molina (2004) indicam ser o cerne da discussão sobre o campo de pesquisas da Educação do Campo, uma vez que o “paradigma da Educação do Campo é ... espaço de renovação dos valores e atitudes, do conhecimento e das práticas” (p. 33). E que sua pesquisa “instiga a recriação de sujeitos do campo, como produtores de alimentos e de culturas que se constitui em território de criação” (idem, p. 50). As análises dos trabalhos dos egressos da habilitação das ciências da Vida e da Natureza dos primeiros 20 anos da LECampo apontam que os estudantes e seus formadores compreenderam e empreenderam um esforço pela criação de uma epistemologia campesina com cheiro, cor e vida em abundância.

Demonstraram respeito às múltiplas realidades que se instauram nas relações entre os seres, os saberes e viveres nos territórios, trabalhando para honrar ontologicamente cada uma destas realidades. Por fim, concordamos que é “à Educação do campo que compete elaborar os seus próprios conceitos” (idem, 2004, p. 51). Esperamos ter contribuído com uma pequena parte deste processo, apresentando o conceito de território como parte constituinte da Zona Crítica, com a ajuda dos formandos e seus trabalhos de conclusão de curso, ao longo destes últimos 20 anos.

Percebemos também da análise que múltiplas realidades distintas são instauradas nas relações construídas ao longo da formação dos estudantes na LECampo. Como apontam Freitas *et al.* (2021), existem perigos neste percurso, uma vez que a atuação nas escolas estaduais envolve, por parte dos docentes, à necessidade de atender aos currículos estabelecidos pelos entes governamentais, para além daqueles que poderiam ser construídos na perspectiva de uma educação do e no campo. Esse é um risco apontado pelos pesquisadores dentre outros possíveis, o que leva o futuro docente a atuar “em ‘um mundo perigoso’, no qual professores da área e pessoas que vivem no/do campo devem atentar-se para as fortes influências, no processo educativo, do Estado, do agronegócio e da Ciência que se diz neutra, objetiva e racional” (idem, p. 6). Os territórios, suas necessidades, os viventes e não viventes que foram tão exuberantes ao longo dos trabalhos de conclusão de curso, os ribeirões e córregos, os montes e as comunidades e hortas e saúde comunitária: todos podem

desaparecer das práticas, se aos docentes em atuação faltarem as ferramentas para resistir à cooptação das instituições e organizações da contemporaneidade, que forçam a padronização dos trabalhos.

Para o campo de pesquisa da Educação do Campo, os dados construídos e as análises realizadas permitem indicar que existe uma produção substancial de escritos acerca dos aspectos relativos às questões socioambientais em nosso país, produzidos por pessoas que vivem as realidades dos campos, das florestas e das águas. As formas pelas quais a Educação do Campo se materializa nas comunidades é discutido em 37% das produções. O desafio da Educação Infantil – que percebemos mesmo nas áreas urbanas – se mantém nas comunidades rurais e pode ser um campo de investigação no futuro.

A Agroecologia como elemento preponderante nas pesquisas dos formandos indicia que os modos de produção da sobrevivência dos povos campestres dialogam com formas de existir que respeitam uma maior diversidade, como indicado por Toledo e Barrera-Bassols (2015). Desde o manejo agroecológico do solo em uma Escola Família Agrícola, até a recuperação de nascentes e a segurança alimentar são elementos tratados pelos licenciandos. Os saberes destes povos nas relações que constroem entre si e com os demais viventes surgem em diversos destes trabalhos.

A discussão sobre a agricultura familiar – uma das palavras-chave mais citadas – indica que os sistemas produtivos das comunidades retratadas se articulam fortemente com as experiências dos Movimentos Sociais e as representações de trabalhadores rurais. Doze títulos fazem referência a comunidades tradicionais como quilombos, às organizações de trabalhadores rurais – sejam sindicatos ou assentamentos – e formas de organização dos espaços produtivos. Isso dialoga diretamente com o apontado por Fernandes e Molina (2004) e Freitas (2017).

Por fim, cabe indicar que o Eixo Temático *Tecnologias educacionais do/no campo* merece uma referência. Em nossa avaliação dos títulos consideramos que nenhum dos trabalhos realizados pelos estudantes trouxe a discussão sobre as possibilidades de aprendizado que práticas realizadas nas comunidades fossem incorporadas nas escolas. De nossas experiências como formadores de professores do campo, sabemos que estas práticas existem em grande quantidade, contudo não foram tratadas como relevantes ao longo destes últimos 20 anos. Queremos crer que uma leitura mais aprofundada dos TCC's permita identificar estas diversas soluções para o aprendizado, como é o caso das hortas comunitárias

que são utilizadas para ensinar aos estudantes. Acreditamos que futuras análises das produções possam trazer informações acerca desse tema.

Considerações Finais

Após a construção dos dados apresentados anteriormente, podemos afirmar que os territórios marcam profundamente os trabalhos de conclusão de curso dos formandos da LECampo/UFG e suas pesquisas. Podemos indicar pelo menos três maneiras pelas quais eles são materializados nas fontes analisadas, quais sejam: a recorrência de topônimos nos títulos dos trabalhos, trabalhos indicando soluções de agroecologia com o manejo de recursos hídricos e a prevalência das discussões voltadas para a agricultura familiar nos territórios.

Os topônimos não são específicos dos municípios, mas tratam de córregos, distritos, pequenos povoados, comunidades quilombolas, entre outros elementos regionais que tivemos inclusive dificuldade de localizar no software de georreferenciamento. Uma ciência produzida localmente, sem pretensões universalizantes, foi idealizada pelas/os estudantes e orientadores. Mas que ao tratar dos temas locais, se mostrou plural e capaz de dar encaminhamento aos problemas da comunidade. Construída assim, de dentro para fora (Latour, 2021).

A discussão das práticas agroecológicas nos territórios, o manejo dos recursos hídricos e o cuidado com o solo, a vegetação e os animais indiciam um fazer científico que se preocupa com as relações entre os vivos e não-vivos, concedendo a eles honra ontológica de ser apresentados não como indivíduos, mas como partes de um coletivo ampliado (Tsing, 2015). A preocupação com a manutenção de modos de sobrevivência como o dos geradores, dos catadores, das comunidades quilombolas, dos varzantes, entre outros, nos faz entender que a dicotomia moderna entre natureza e cultura não se estabelece aqui. O agir no mundo para garantir nossa existência constrói o mundo e nos constrói, coletivamente e em simultaneidade. (Latour, 2020a).

Por fim, as discussões sobre as hortas familiares, os quintais agroflorestais, a criação de pequenos rebanhos de aves para consumo familiar revela o que Toledo e Barrera-Bassols (2015) apontaram: as formas tradicionais de cultivo são responsáveis pela alimentação de parte substancial da população brasileira. Estes formandos pertencem aos povos dos campos, das águas e das florestas não pelo “Lugar” onde nasceram, mas pelos *lugares-realidades* que constroem nas suas relações com os demais seres. São estes lugares-realidades múltiplas,

cambiantes e frágeis, mas que garantem nossa própria existência, que relatam em seus trabalhos.

Finalizando o trabalho, entendemos que algumas das decisões tomadas ao longo do levantamento impactam diretamente seus resultados. A indicação das palavras-chave por alguém que não o autor é um exemplo de que os levantamentos bibliográficos podem trazer desafios para além da articulação metodológica tradicional, principalmente ao tentar uma aproximação longitudinal com textos cuja estrutura ainda está em discussão, como é o caso. Consideramos, contudo, que o acesso que este levantamento realiza ao publicizar as fontes de informação que disponibilizamos supera as dificuldades e possíveis contradições, uma vez que o principal elemento de análise deste artigo são os títulos dos trabalhos.

Esperamos que a divulgação das informações deste artigo permita estimular a curiosidade daqueles que desenvolvem pesquisas ou atuam na formação de licenciando da Educação do Campo em buscar os trabalhos realizados pelas/os formandos do curso nos últimos 20 anos. O próximo passo é realizar o esforço de digitalizar os trabalhos físicos, no arquivo do CEDOC, de maneira a possibilitar o acesso na íntegra de todos eles, por meio do Repositório Institucional da UFMG.

Agradecimentos

Bruno Pereira é grato ao IFMG campus Betim pelo afastamento para o doutoramento, aos colegas monitores do PMG LECampo, e às alunas formandas das CVN em 2025. Francisco Ângelo Coutinho é grato ao CNPq pela bolsa de produtividade e pelo apoio financeiro.

Referências

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). *Projeto Regiões Rurais 2015: Relatório Técnico*. Brasília: IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=294413>

Coutinho, F. Â., Silva, F. A. R., Figueiredo, K. L. & Viana, Gabriel Mendes (2022). Esboços para pesquisas em Educação para Humanidades Científicas no Antropoceno. In: Coutinho, F.A., Silva F.A.R., Franco, L.G. & Viana, G.M. (Orgs.), *Tendências de pesquisas para a Educação em Ciências*. (pp.393-417) São Paulo: Na Raiz. Disponível em: <https://zenodo.org/record/7246716>; acesso em: 14/05/2024.

Coutinho, F. Â., Pereira, B. F. M. & Gonçalves, K. M. dos S. (2025) *Educação em Humanidades Científicas nas Zonas Críticas*. São Paulo: Na Raiz. Disponível em <https://zenodo.org/records/15610219>. Acesso em 06 de junho de 2025.

Coutinho, F. Â., Pereira, B. F. M., Silva, P. S. & Santos, R. L. de J. Apontamentos para a educação do campo: o antropoceno como cenário para os trabalhos de conclusão de curso. (2025) In: Fonseca, D. P. R. da, Almeida, L. M. A. de. (org.) *Letramento SocioAmbienta* 3(1): *pertencer à terra: ressignificando vida, trabalho e educação do campo*. (pp.92-110). Disponível em: <<https://zenodo.org/doi/10.5281/zenodo.15476612>>. Acesso em: 29 maio 2025.

Fernandes, B. M., & Molina, M. C. (2004). O campo da Educação do campo. In M. C. Molina & de Jesus S. M. S. A. de Jesus (Orgs.), *Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo* (pp.32-53). Brasília: Articulação Nacional "Por Uma Educação do Campo". <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/contribuicoes-para-a-construcao-de-um-projeto-de.pdf>

Fonseca, L. C. da, & Oliveira, F. S. de. (2025). Impactos socioambientais da monocultura do eucalipto: perspectiva da educação do campo e da educação CTSA. In Fonseca, D. P. R. da, Almeida, L. M. A. de. (org.) *Letramento SocioAmbienta: pertencer à terra: ressignificando vida, trabalho e educação do campo*, 3(1), 129-146. <https://doi.org/10.5281/zenodo.15476612>

Freitas, A. P. da S. (2017). *A materialidade do espaçotempo na formação de professores de ciências da vida e da natureza no âmbito da licenciatura em educação do campo – um estudo a partir da teoria ator-rede* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-AWGNLD>

Freitas, A. P. da S., Bernardes-Santos, A. M., & Coutinho, F. Â. (2021). Diálogos entre Educação em Ciências e Educação do Campo: uma análise cosmopolítica. *Anais do XIII ENPEC*. (pp.1-8). Meio digital: Realize. https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enpec/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV_155_MD1_SA105_ID122_31072021151306.pdf

Giavara, A. P., Pereira, B. F. M., & Fonseca, L. C. da. (2024). Relato de Experiência do Programa de Monitoria da Graduação da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Minas Gerais (PMG/LECamp/UFGM): Política de Permanência de Jovens do Campo no Ensino Superior. *Caderno de Resumos do II Seminário Internacional de Educação do Campo da UFU* (pp.205-206). https://drive.google.com/file/d/183183zNiQNGShgKSlx-Cw8nkmRIYTdB_/view

Latour, B. (2012). *Reagregando o social*. Salvador: Edufba.

Latour, B. (2020a). *Onde aterrar – como se orientar politicamente no antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Latour, B. (2020b). *Cogitamus*. São Paulo: Editora 34.

Latour, B. (2020c). *Diante de Gaia: Oito Conferências sobre a natureza no antropoceno*. Rio de Janeiro: Ubu.

Latour, B. (2021). *Onde estou? – Lições do confinamento para uso dos terrestres*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Latour, B., & Weibel, P. (2020). *Critical zones: The science and politics of landing on earth*. Karlsruhe: ZKM Center for Art and Media; The MIT Press.

Miranda, G. F., & Robaina, J. V. L. (2017). O conceito de natureza na educação do campo. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, 2(2), 793-810. <https://doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2017v2n2p793>

Pereira, B. F. M., Gonçalves, K. M. dos S., Viana, G. M., & Coutinho, F. Â. (2025). Educar no Antropoceno: Proposta de uma linha de pesquisa nos Observatórios de Zonas Críticas. *Anais do XV Encontro de Pesquisa em Educação em Ciências* (pp.1-8). Belém, PA.

Rodrigues, A. C. da S., Marques, D. F., Rodrigues, A. M., & Dias, G. L. (2017). Nucleação de Escolas no Campo: conflitos entre formação e desenraizamento. *Educação & Realidade*, 42(2), 707-728. <https://doi.org/10.1590/2175-623657687>

Souza, D. C. de, & Antunes-Rocha, M. I. (2025). Avanços e desafios epistemológicos e pedagógicos na interface entre o ensino de ciências e a educação do campo: a contextualização dos conhecimentos em foco. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, 27 (e48830), 1-17. <https://doi.org/10.1590/1983-2117-48830>

Toledo, V. M., & Barrera-Bassols, N. (2015). *A memória biocultural: A importância da ecologia das sabedorias tradicionais*. Expressão Popular.

Teixeira, E. S., Bernartt, M. de L., & Trindade, G. A. (2008). Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. *Educação e Pesquisa*, 34(2), 227-242. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022008000200003>

Tsing, A. (2015). Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *Ilha Revista de Antropologia*, 17(1), 177-201. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p177>

ⁱ Lanço mão aqui da simetria generalizada de Latour para reforçar a ideia de que os agricultores criam sua subsistência em uma relação de companhia com os lugares onde vivem, coconstruindo estes lugares, como o autor indica em “Onde Estou?” (2021).

ⁱⁱ Caso não consiga acessar basta copiar a linha abaixo e colar no seu navegador: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1E2Y1t7fLRW6pe87CNeNbrCU8uhaHjHF2/edit?usp=sharing&ouid=112893920442293261787&rtpof=true&sd=true>

ⁱⁱⁱ O sítio digital do evento pode ser acessado pelo link <https://gepemdecc-formacampo.com.br/Encontro-Formacampo-2025/equipe.html>

^{iv} Caso o link não funcione, copie aqui e cole no seu navegador: <https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1wDxDFqJVZe8pZRFCyynrpSb5RYMbWw0&usp=sharing>

Anexo:

Tabela 1: Monografias da Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza na LECampo/UFG

Título da monografia	Palavras-chave	Licenciando(a)	Turma	Orientador(a)	Conclusão
O Uso de Plantas Mediciniais no Assentamento Santo Dias, Guapé/MG	Plantas medicinais, medicina alternativa, conhecimento popular	Leurilene Silva Brandão	2005	Profa. Jucélia Marize Pio Venâncio	2010
Sexualidade e Climatério: relatos de vida das mulheres camponesas do Assentamento Oziel Alves Pereira	Sexualidade, climatério, mulheres camponesas, tabus, mitos e preconceitos	Martinha Jorge Moreira	2005	Profa. Maria Inês Toledo	2010
Orientação Sexual nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental	Educação Sexual, orientação sexual, crianças e adolescentes	Maurina Corrêa de Azeredo Martins	2005	Profa. Júnia Freguglia	2010
A Inserção e as Práticas do Programa Saúde da Família no Assentamento 1º de Junho: Tumiritinga, MG	Programa Saúde da Família - MST - saúde do campo	Zenilda Sônia Pereira Miranda	2005	Profa. Alessandra Rios de Faria	2010
Como e o que se ensina em ciências do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Marcos Robério Martins - Nova Porteirinha - MG	Campo; Ensino de Ciências	Joana Maria Soares de Jesus	2005	Profa. Mairy Barbosa Loureiro dos Santos	2010
Identificação de impactos na Mata da Ciliar do Rio Serra Branca/ salinas nas comunidades de Salinas IV micro bacia do Rio Gorutuba Pai Pedro-MG	Matas Ciliares, Uso e conservação; erosão	José de Lima Marques	2008	Profa. Mairy Barbosa Loureira dos Santos	2011
As plantas medicinais de uso comum nas Comunidades Palmital e Veredas do Coelho no Município de Cachoeira do Pajeú	Conhecimento popular; drogas; vegetais; saúde familiar	Ana Júlia Gomes Costa	2008	Profa. Marina Tavares	2011
Panorama da Educação Quilombola em Ouro Verde de Minas - MG	Educação quilombola; direitos quilombola	Mauro Alves de Souza	2008	Profa. Dra. Shirley Aparecida de Miranda	2011
Tradição, resistência e preservação do meio ambiente no Quilombo Carneiro	Comunidade quilombola; terra; território e tradição quilombola	José Aparecido Luiz Lima	2008	Profa. Dra. Shirley Aparecida de Miranda	2011
Agricultura familiar em Ouro Verde de Minas: práticas de conservação de alimentos utilizados por agricultores	Conservação de produtos, agricultura familiar; sabedoria popular	Fabício Oliveira de Sousa	2008	Profa. Dra. Nilma Soares da Silva	2011

Agrotóxico: utilização, ensino e pesquisa	Agrotóxico; Agroecologia; Educação do Campo	Weliton Carvalho Pereira	2008	Profa. Bianca Ruckert	2011
Título da monografia	Palavras-chave	Licenciando(a)	Turma	Orientador(a)	Conclusão
Práticas de Leitura numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental	Leitura; Práticas de leitura; Formação de leitores	Sheila Soares de Jesus	2008	Profa. Kely Cristina Nogueira Souto	2011
A participação da FETAEMG no processo histórico de luta pela terra em Minas Gerais	CONTAG, FETAEMG, Sindicato de Trabalhadores Rurais, Sindicalismo rural, Agricultura Familiar; Sem Terra; Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.	Marcos Vinícius Dias Nunes	2008	Profa. Dra. Maria Isabel Antunes Rocha	2011
Educação do Campo e Escola Família Agrícola: a experiência do ensino de Ciências da Vida e da Natureza na Escola Família Agrícola de Cruzília - Sul de Minas	Educação do campo - Pedagogia da alternância - Ensino de Ciências - Currículo - Interdisciplinaridade - Contextualização	Adelson Resende Messias	2008	Prof. Dr. Orlando G. Aguiar Junior	2011
A feira de ciências da Escola Estadual Izoldino Soares de Freitas: há diferenças entre os trabalhos dos alunos do campo e os da cidade?	Feira de Ciências; Educação do Campo	Rosimeire da Silva Batista	2008	Profa. Penha Souza Silva	2011
O ensino de ciências nas escolas do campo no município de Araxá	Ensino de Ciências; Escolas do Campo;	Marília Nogueira Marques	2008	Profa. Penha Souza Silva	2011
Teorias e Práticas da Agroecologia na Escola Família Agrícola Vida Comunitária	Agroecologia; Manejo do solo; Escola Família Agrícola	Mônica Rodrigues Teixeira	2008	Profa. Marília Carla de Mello Gaia	2011
Relações entre teoria e práticas na EFA's e a formação docente em Licenciatura do Campo	EFA; Formação de docentes; Licenciatura em Educação do Campo	Ricardo Ferreira Vital	2008	Prof. Dr. Orlando G. Aguiar Junior	2011
O ensino do tema solo na Escola Família Agrícola Sem Peixe	Famílias agrícolas; EFA's; Uso e conservação do solo	Rafael Ribeiro Teixeira	2008	Profa. Mairy Barbosa Loureiro dos Santos	2011
Educação em Ciências na EJA do segundo segmento do Ensino Fundamental no Assentamento Oziel Alves Pereira do Município de Governador Valadares: perspectivas dos estudantes	Educação em Ciências; Educação de Jovens e adultos; educandos da EJA	Helena da Conceição Gonçalves	2008	Prof. Dr. Helder F. e Paula	2011
Ensino de Ciências de 6º AO 9º ano nas Escolas do Campo do Município de Almenara/MG	Educação do Campo; Ensino de Ciências; Escolas do Campo	Ananias Rodrigues dos Santos	2008	Profa. Penha Souza Silva	2011

As visões dos agricultores sobre o uso e manejo do solo no Quilombo Santa Cruz	Tradicional; Convencional; Concepção; agricultores	Alexandre Vieira Rios	2008	Profa. Vanúbia Emanuele de Souza	2011
Título da monografia	Palavras-chave	Licenciando(a)	Turma	Orientador(a)	Conclusão
A organicidade na turma Dom José Mauro - possibilidades e limites de construção do sujeito coletivo no Curso de Licenciatura em Educação do Campo	Educação do Campo; Sujeito coletivo; Organicidade e Movimentos Sociais	Valdecir Lopes Viana	2008	Profa. Dra. Maria Isabel Antunes Rocha	2011
O descarte do lixo na cidade de Sem Peixe e suas implicações no meio ambiente	Lixo; reutilizar; Reciclar; Aterro controlado	Alberto Martins de Castro	2008	Profa. Dra. Mairiy Barbosa Santos	2011
Manejo agroecológico do solo e sua aplicação no Ensino de Ciências em Escolas do Campo	Agroecologia; Ensino de Ciências; EMATER; Manejo do Solo	Hildebrando Marcelo Campo Lopes	2008	Profa. Marília Carla de Mello Gaia	2011
Educação Popular na Perspectiva da Transformação Social: um olhar sobre a comunidade de Muzelo	Educação Popular; Organização e Transformações sociais	Nilson José de Oliveira	2008	Prof. Dr. Juarez Melgaço Valadares	2011
Relação de gênero no exercício de liderança no MST: a visão das mulheres	Mulheres líderes; Gênero, construção de valores	Maria Elizabete Pereira Guedes	2008	Profa. Vandiner Ribeiro	2011
O uso de plantas medicinais e os modos de transmissão desses conhecimentos na Comunidade de Águas Claras	Plantas medicinais; Comunidade rural;	Maria do Carmo Santos	2008	Profa. Marina Tavares	2011
O uso dos Recursos Hídricos em Ouro Verde de Minas	Água; Lei 9443; Recursos Hídricos	Marcelo Cardoso de Oliveira	2008	Profa. Maiary Barbosa Loureiro dos Santos	2011
Relação entre segurança alimentar e produção de alimentos pela agricultura camponesa	Agricultura familiar; Produção de alimentos; Concentração fundiária; degradação ambiental	Nadson Francisco de Oliveira	2008	Profa. Mairiy Barbosa Loureiro dos Santos	2011
A problemática do lixo na área rural de Sobralia	Lixo; Descartes; Cultura; Educação	Marlúcia Aparecida Moreira Gomes Martins	2008	Profa. Mairiy Barbosa Loureiro dos Santos	2011
Uma avaliação do Projeto Escola Rural Geraizeira: um projeto de Educação do Campo construído e vivenciado pelos Geraizeiros do Assentamento Tapera	Educação do Campo; Escola rural Geraizeira; Ensino contextualizado; Abordagem interdisciplinar	Ivonete aparecida dos Santos	2008	Profa. Eliane Ferreira de Sá	2011

Planejamento de uma sequência de ensino sobre o tema energia: o ensino de Ciências na Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro com atividades vivenciadas	Família Agrícola; Ensino de Ciências; EFASB	Alberto Dias Moreira	2008	Prof. Juarez Melgaço Valadares	2011
Título da monografia	Palavras-chave	Licenciando(a)	Turma	Orientador(a)	Conclusão
Educação e saúde na Comunidade de Serra Nova, município de Rio Pardo de Minas/MG: um estudo sobre diabetes e hipertensão arterial	Comunidade Serra Nova; Integração entre Educação e Saúde	Zeniu Cardoso de Sá	2009	Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida Martins	2014
A Pedagogia de Alternância na Escola Família Bontempo: Uma breve descrição de uma atividade do caderno da realidade	EFA Bom Tempo; Pedagogia da alternância; Educação do Campo	Paulo André Alves de Amaral	2009	Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida Martins	2014
Formação Inicial de Professores de Ciências e o Projeto Água em Foco	Ensino de Ciências; Qualidade da água; Formação de professores em Licenciatura em Educação do Campo	Tânia Cássia Ferreira de Sousa	2009	Profa. Penha Souza Silva	2014
Educação do Campo e a Percepção dos alunos em relação às Práticas Pedagógicas desenvolvidas na Escola Estadual Dr. José Pacheco Pimenta	Práticas Pedagógicas; Educação do Campo;	Rosilene Queiroz dos Santos	2009	Prof. Dr. Juarez Melgaço Valadares	2014
Sexualidade na Escola: visões, influências e abordagem	Sexualidade; Ensino de Educação Sexual; família; Mídia	Antônio Bispo Filho	2009	Profa. Marina Tavares	2014
Conservação do Solo: um tema para a escola do campo	Conservação do solo; agroecologia; saber popular e científico	João Paulo Dias	2009	Profa. Dra. Penha Souza Silva	2014
O Ensino sobre Fotossíntese para os alunos do campo do Ensino Médio na Escola Estadual Sebastião Pereira Machado em Piranguinho/MG	Ensino-aprendizagem; fotossíntese; Contextualização; Educação do Campo	Edgar Moreira da Silva	2009	Profa. Marina Tavares	2014
A visão de alguns estudantes do Ensino Médio sobre o Projeto Água em foco	Química; Biologia; Água em foco; Qualidade de vida e cidadania	Simone Cristina Arêdes Gomes	2009	Profa. Dra. Penha Souza Silva	2014
Percepções dos moradores do Município de Icarai de Minas/MG sobre os impactos socioambientais causados pelo lixo.	Lixo; resíduos sólidos; Saúde; Percepções; Impactos ambientais	Marcelo Rosa Rocha	2013	Profa. Dra. Penha Souza Silva	2017

Reserva de desenvolvimento sustentável: saberes, lutas e contribuições da comunidade Água Boa II Nessa Conquista	Unidade de conservação; conhecimento tradicional; Geraizeiros; comunidade; território; Biodiversidade	Maria Lúcia de Oliveira Agostinho	2013	Prof. Rodrigo dos Santos Crepalde	2017
Título da monografia	Palavras-chave	Licenciando(a)	Turma	Orientador(a)	Conclusão
Horta Orgânica e Educação Alimentar: reflexões acerca de um projeto de intervenção pedagógica realizado em uma escola do Município de Rio Pardo de Minas/MG	Intervenção pedagógica; Horta orgânica; Educação alimentar	Gildásio de Paula Reis	2013	Prof. Dr. Orlando Aguiar Júnior	2017
Os conhecimentos sobre plantas medicinais na comunidade Vargem alegre/Jequeri - Zona da Mata	Plantas medicinais; Medicina alternativa; Saberes tradicionais	Verônica Alzira Ferreira da Silveira	2013	Prof. Dr. Juarez Melgaço Valadares	2017
Fechamento das Escolas do Campo no Município de Jequeri/MG	Educação do Campo; Fechamento de escolas; Movimento Educação do Campo	Rogiana Dias Ferreira	2013	Profa. Maria Isabel Antunes Rocha	2017
O Programa Nacional de Alimentação Escolar em uma escola Municipal em Rio Pardo de Minas/MG: promovendo o direito à alimentação?	Alimentação escolar; Segurança alimentar; Direito Humano à alimentação; políticas públicas	Rosilene Borges de Oliveira	2013	Prof. Dr. Jose Divino Lopes Filho	2017
Elaboração e desenvolvimento de um conjunto de atividades didáticas sobre o tema lixo: discutindo alguns conceitos	Lixo; Educação Ambiental; Ensino Médio	Leiliane Rosa de Jesus Santos	2013	Profa. Dra. Penha Souza Silva	2017
Um estudo da história da Agropecuária na comunidade do Barbosa em Sem Peixe/MG e suas influências na organização atual da comunidade	Agropecuária; Impactos socioambientais; Geração de renda; Divisão do trabalho	Daniel Ribeiro Teixeira	2013	Eng. Agr. Msc. Rebeca Cássia Andrade	2017
Conectando afinidades: agricultura familiar na alimentação escolar do município de rio Pardo de Minas/MG	Alimentação escolar; Agricultura familiar; Rio Pardo de Minas	Adriana dos Reis Martins	2013	Prof. Dr. José Divino Lopes Filho	2017

O uso de plantas medicinais por famílias tradicionais Geraizeiras	Planta medicinal; Geraizeiros; Tradição; Saúde	Adriana Ferreira do Nascimento	2013	Prof. Juarez Melgaço Valadares	2017
PROTAGONISMO DE MULHERES DO CAMPO: análise da experiência de construção de uma fábrica de biscoitos no Assentamento Tiro e Queda (Paracatu/MG).	Assentamento, Luta das mulheres.	ADRIANA SALES DE ALMEIDA	2017	Prof. ^a Penha Souza Silva	2021
Título da monografia	Palavras-chave	Licenciando(a)	Turma	Orientador(a)	Conclusão
EXPERIÊNCIAS DE MATERNIDADE A PARTIR DA GRAVIDEZ NÃO PLANEJADA DE MULHERES DO CAMPO: narrativas de moradoras da Comunidade Quilombo Carneiro, Ouro Verde de Minas/MG	Maternidade não planejada. Mulheres camponesas. Narrativas.	Alexsandra Cardoso Costa	2017	Prof. ^a Álida Angélica Alves Leal	2021
A RECUPERAÇÃO DE UMA NASCENTE EM UMA COMUNIDADE DE RIO PARDO DE MINAS-MG: O que dizem produtores rurais?	Recuperação de Nascentes, Degradação Ambiental, Conservação Ambiental.	ANDRÉIA BATISTA SILVA	2017	Prof. Felipe Sales de Oliveira	2021
ARTESANATO DE ARGILA DA COMUNIDADE DE ÁGUA BOA II - RIO PARDO DE MINAS-MG: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS	Artesanato de argila. Contextualização. Ensino de Ciências.	Flávia Ribeiro Dias	2017	Prof. ^a Penha de Souza Silva / Prof. Mateus de Castro de Silva	2021
IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DA MONOCULTURA DO EUCALIPTO NA COMUNIDADE Córrego do Soares - MUNICÍPIO DE CAPELINHA (MG)	Monocultivo de eucalipto. Impacto socioambiental. Terra. Trabalho. Pequenos estabelecimentos rurais.	Luana Cordeiro da Fonseca	2017	Prof. ^a Álida Angélica Alves Leal	2021
JUVENTUDE, CAMPESINATO E SEXUALIDADES: Experiências e desafios de jovens lésbicas no/do campo (Piranga/MG).	Homossexualidade feminina. Juventude. Comunidades rurais	Luciene de Paula	2017	Prof. ^a Álida Angélica Alves Leal / Prof. Dr. Luiz Paulo Ribeiro	2021

SUÍNOCULTURA NO MUNICÍPIO DE JEQUERI – MG: descarte dos efluentes produzidos por esses animais e medidas para evitar danos ambientais	Suinocultura. Efluentes Suínos. Impactos Ambientais.	Márcia Aparecida de Paiva Silva	2017	Prof. Fernando César Silva	2021
AS PRÁTICAS AGRÍCOLAS UTILIZADAS NA COMUNIDADE MONTE ALEGRE – RIO PARDO DE MINAS: Aproximações e afastamentos dos conceitos de agricultura familiar e agroecologia	Planejamento de Aula; Ensino de Ciências; Educação Ambiental.	Marleide Dias Mendes	2017	Prof. ^a Penha Souza Silva	2021
Título da monografia	Palavras-chave	Licenciando(a)	Turma	Orientador(a)	Conclusão
Proposta de Sequência de Ensino para Discussão de Aspectos da Educação Ambiental na Educação do Campo	Planejamento de Aula; Ensino de Ciências; Educação Ambiental.	MEIRIANE BARBOSA DIAS RODRIGUES	2017	Prof. Fernando César Silva	2021
ELABORAÇÃO DE UM JOGO DE CONTROVÉRSIA SOBRE A TUBERCULOSE	Tuberculose, CTS, educação, jogo de controvérsia.	Priscila Santos Nascimento	2017	Prof. ^a Dra. Marina Assis Fonseca	2021
A HORTA COMUNITÁRIA DE ICARAÍ DE MINAS/MG: um estudo sobre algumas dimensões da cadeia produtiva de verduras e legumes pela agricultura familiar	Horta Comunitária. Agricultura Familiar. Campo-Cidade.	Raiane Ribeiro Pereira	2017	Prof. ^a Álida Angélica Alves Leal	2021
USO DE PLANTAS MEDICINAIS: valorização dos saberes tradicionais da comunidade Córrego Queixada II, município de Ouro Verde de Minas – MG	Ensino de Ciências; Plantas medicinais; Saberes tradicionais.	Rosiane Alves de Oliveira	2017	Prof. Juarez Melgaço Valadares	2022
A PRODUÇÃO DE RAPADURA: Aproximação entre o Ensino de Ciências e Educação do Campo para proposição de uma Sequência de Ensino	Agricultura Familiar. Rapadura. Ensino por Investigação.	Simone de Sá Neves	2017	Prof. Fernando César Silva	2021
A PRODUÇÃO DO POVILHO NA COMUNIDADE SANTA MARIA-MG: Impactos causados pela água da manipueira	Produção de polvilho. Água de manipueira. Descarte dos resíduos.	Adriana Moreira Leão	2017	Prof. ^a Penha Souza Silva	2021

Fonte: CEDOC/FaE/UFGM; Secretaria da LECampo/FaE/UFGM

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 27/06/2025
Aprovado em: 08/10/2025
Publicado em: 23/12/2025

Received on June 27th, 2025
Accepted on October 08th, 2025
Published on December, 23th, 2025

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Pereira, B. F. M., Coutinho, F. A., Franco, L. G. M., & Silva, P. S. (2025). Educação do Campo e vínculos territoriais: uma análise dos Trabalhos de Conclusão de Curso de professores em formação inicial. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 10, e18618.